

Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Metodologia de Ensino de Língua Alemã I
Ensaio auto reflexivo crítico
Prof Dr Milan Puh
Luíza Galli Miranda nº USP 10761482

1. Meu percurso com a língua alemã e ensino de segunda língua

Eu cresci em uma família que sempre valorizou muito a educação e o ensino, minha avó materna foi professora de educação básica, em uma época em que era muito raro e difícil cursar o ensino superior, principalmente para uma mulher. Ela estabeleceu um exemplo chave em nossas vidas, pois já mãe de três filhos, professora (com seu diploma de magistério) e dona de casa, lutou contra as vontades do meu avô e cursou pedagogia à noite. Além disso, minha mãe foi professora de química na rede pública de ensino durante toda sua carreira e meu pai também trabalhou como professor em cursos técnicos durante alguns anos. Então, aprender e ensinar foram sempre processos cheio de acolhimento e incentivo dentro da minha casa.

Acredito que a minha relação com a língua alemã começou até mesmo antes de eu nascer: em 1991, meu pai teve uma oportunidade de trabalhar na Alemanha, pela empresa na qual trabalhava, e começou um curso intensivo de alemão. Minha mãe, grávida do meu irmão mais velho, o acompanhou nessa jornada e eles permaneceram na Alemanha até 1993. Nesse meio tempo, o alemão do meu pai se aprimorou cada vez mais, o que mudou sua carreira permanentemente, pois passou a trabalhar sempre em empresas alemãs.

Dessa forma, era muito comum que eu ouvisse conversas de trabalho do meu pai em alemão e que algumas coisas do cotidiano fossem ditas em alemão em minha casa, como “Tschüss” e “Danke”. Quando fiz 10 anos, comecei a estudar inglês e me dei muito bem com o curso, pulei alguns níveis e sempre tirei boas notas, com 17 anos consegui tirar meu certificado de nível C2.

Nesse momento, a relação mais calorosa com o alemão já não existia mais, como uma adolescente qualquer, queria me diferenciar de tudo o que meu irmão estava fazendo e, como ele havia escolhido estudar alemão depois do seu curso de inglês, eu escolhi aquilo que via como um grande oposto: o francês. Porém, nunca enxerguei ensino de línguas ou um curso de Letras como uma carreira, era sempre o que eu fazia por prazer. No momento em que tive que escolher meu curso na faculdade, escolhi matemática e continuei os estudos de língua paralelamente.

No meio da faculdade, comecei a procurar emprego e tive dificuldade de encontrar estágios na área do meu curso e, como eu tinha bons conhecimentos de inglês, decidi procurar emprego de professora de idioma. Aos 19 anos, comecei a ensinar inglês em uma escola e foi o meu primeiro contato profissional com o ensino de línguas. Aprendi muito “na prática” e com meus colegas de profissão mais experientes, pois tinha pouco ou nenhum conhecimento formal sobre a área. Foi uma experiência riquíssima e muito importante na minha trajetória, pois foi quando me descobri apaixonada por ensinar e entendi que estudar novos idiomas não era apenas algo que eu gostava de fazer paralelamente, mas sim uma carreira viável e, talvez, mais gratificante do que o meu curso de matemática havia sido até então.

Aos 22 anos, saí do curso de matemática e comecei a estudar Letras na USP. Durante o ciclo básico, falei algumas vezes que o único curso que eu não faria era o alemão, já tinha um bom conhecimento de inglês e francês, era o que menos fazia sentido. Então, novamente meu pai recebeu uma proposta de emprego na Alemanha e me perguntou se eu não gostaria de ir morar com eles por um tempo, para aprender alemão. Eu tinha um objetivo – que não atingi – de falar cinco idiomas até os 25 anos, então, não poderia perder a oportunidade de em tão pouco tempo, chegar mais perto desse objetivo.

Isso aconteceu durante o período de ranqueamento e em uma decisão impulsionada pelo desejo de me desafiar e experienciar algo totalmente novo, escolhi a habilitação do alemão. Fiquei 9 meses na Alemanha aprendendo alemão, do A2 ao B2, voltei para o Brasil convicta de que precisava estudar mais e de que não tinha a fluência que eu gostaria. Continuei trabalhando com inglês, desta vez como tradutora em uma pequena editora, quando mandei um currículo, por indicação de um professor da faculdade, para um estágio em uma escola de alemão de São Paulo.

Algum tempo depois, recebi um telefonema e fiz uma entrevista rápida e, de repente, alemão passou a fazer parte da minha vida profissional. Por 6 meses fiquei como plantonista online, tirando dúvidas de alunos de diversos níveis, até que me tornei a plantonista fixa de uma turma de enfermeiros, que cursavam a modalidade intensiva do A1-B2, e, em pouco menos de um ano na escola, me tornei professora principal de algumas poucas turmas.

Assim, retornei a “sala de aula” – apenas virtual – e tive que, novamente, aprender muito sozinha para desenvolver minhas aulas. Dessa vez, enfrentei uma enorme desvantagem em relação ao meu primeiro emprego, pois não tinha – e ainda não tenho – muito contato com os outros professores da escola e a troca de materiais e ideias é muito menos orgânica através de grupos de mensagem, do que era nas conversas na sala dos professores.

2. Reflexão crítica sobre minha jornada de aprendizado

2.1 Motivação

Minha aprendizagem de línguas estrangeiras foram marcadas por cursos tradicionais, em escolas conhecidas do ensino das mesmas, como Cultura Inglesa, Aliança Francesa e o Instituto Goethe. No nosso curso de MELA I, discutimos as possíveis motivações de um estudante de LA, e refletindo sobre minha experiência, pude notar que sempre tive uma motivação intrínseca, especialmente para as duas primeiras línguas que aprendi: o inglês e o francês.

Já com o alemão, o caminho foi diferente. Fugiu muito de aprender essa língua que parecia, de alguma forma, sempre voltar à minha vida. Quando a oportunidade se apresentou e se tornou praticamente inevitável aceitá-la, pois seria também a minha primeira chance de ter uma experiência internacional, não me sentia motivada da mesma forma que antes. Em nossas discussões, pude notar que a minha motivação foi outra, muito mais externa: houve uma recomendação de aprender a língua (meus pais – regulação introjetada); a oportunidade (morar fora e aprender o idioma se encaixaram em meus planos – regulação introjetada); e, por fim, com a escolha da habilitação português-alemão, o domínio da língua alemã se tornou muito importante (regulação identificada).

Uma diferença gritante que pude notar entre minhas experiências de aprendizado de língua é que a aprendizagem do alemão se deu de uma forma muito mais frustrada do que o francês e o inglês. Acredito que isso tenha acontecido por não ter uma motivação intrínseca muito grande. Sempre me dei bem estudando aquilo que eu gostava e, principalmente, queria muito estudar. Isso influenciou minha capacidade avaliativa do meu próprio conhecimento e autoconfiança em relação ao domínio da língua.

A maior mudança em relação à minha confiança e à motivação aconteceu com o curso de Letras. Após o início das disciplinas de literatura, senti uma conexão muito maior com o idioma e uma crescente necessidade de conhecê-lo melhor, pois antes disso, mesmo morando na Alemanha, tive pouco ou nenhum contato com a literatura alemã – algo que sempre me motivou enquanto aprendia inglês, por exemplo. Nesse momento, posso dizer que passei a ter uma motivação muito mais intrínseca (mas não somente), pois passei a sentir muito mais prazer ao estudar alemão.

Além disso, foi nessa mesma época que comecei a trabalhar com o idioma, o que juntamente com os meus estudos, me motivou a buscar mais conhecimento (uma motivação

instrumental, pois passei a precisar efetivamente do idioma para meu sucesso profissional e acadêmico).

2.3 Metodologias em minha experiência como aluna e professora

Como já mencionei, minha experiência com cursos foi marcada por cursos tradicionais, durante os quais refleti muito pouco sobre as metodologias aplicadas. Sempre me dei muito bem com o uso de livros didáticos e conseguia identificar, com relativa facilidade, aquilo que era esperado de mim e obter bons resultados, utilizando livros como o Studio 21, Sicher! Neu B2 e Sicher! C1. O Sicher! C1 é o livro que utilizo até hoje no curso que faço de C1 e gosto bastante da experiência, os exercícios de leitura trazem textos interessantes (em sua maioria) e não encontro dificuldades em me engajar com os temas. Além disso, o livro conta com boas explicações gramaticais e resumos completos no final de cada lição.

Contudo, durante meu curso de alemão intensivo, tive contato com uma metodologia diferente do que eu estava habituada. A escola, na qual estudei, adotava uma abordagem comunicativa e audio-lingual e proibia explicação gramatical da parte dos professores. Isso me afetou negativamente, pois sempre me apoiei bastante em explicações gramaticais, por facilidade e desejo de compreender aquele idioma com uma visão de língua como sistema – apesar de não ter esse conhecimento na época.

Nossos cursos utilizavam um material próprio produzido pela escola e como o grupo era bastante plural – com participantes de muitos países diferentes – meu professor utilizava constantemente o inglês como língua de apoio, o que eu compreendo, mas não necessariamente concordo. Muitos alunos deixaram o curso por não terem conhecimentos suficientes de inglês para se sentirem amparados durante a aprendizagem. Além disso, a falta de explicações gramaticais nos níveis iniciais deixou diversas lacunas para compreensão de temas mais complexos, como *Relativsätze*.

Esse tema me marcou muito, pois foi quando descobri que a escola realmente não permitia que o professor fizesse explicações gramaticais, pois todo o conteúdo foi passado através de exemplos sem mencionar nenhum dos casos (nominativo, acusativo, dativo) e todos os alunos do curso (éramos em seis) tiveram dificuldades para realizar os exercícios propostos pelo livro. Não havia no material nenhuma explicação gramatical, nem mesmo um pequeno resumo após a lição, não conhecíamos nem o nome da estrutura para buscar isso em

algum site ou vídeo. Somente quando o professor viu nossas dificuldades, ele parou a aula e trouxe materiais de cunho mais gramatical e explicou a regra do que estávamos vendo.

Fora isso, após refletirmos sobre a educação e ensino decolonial, pude ver que tive um ensino totalmente centrado na Alemanha e Europa, que excluía muitas vezes os nossos conhecimentos advindos de nossas origens e aquilo que trazíamos de nossos países era não só ignorado, mas muitas vezes deixados de lado. Ao refletir sobre esse tópico, me lembrei muito da sensação de inferioridade que marcou minha estadia na Alemanha, pois me parecia que sempre que mencionava algo do Brasil ou de ser Brasileira, ouvia algum comentário depreciativo ou coisas como “aber du bist jetzt in Deutschland”. Isso aconteceu algumas vezes durante o meu curso e prejudicou o desenvolvimento de uma motivação intrínseca, pois eu sentia cada vez menos prazer em estudar esse idioma e mais apego às minhas raízes. A apresentação da Ivanete me tocou muito nesse sentido, pois no seu relato de falar bom dia para os alunos na creche em seus idiomas maternos, a origem deles era valorizada e não apagada, o que faz muita diferença no sentimento de pertencimento em um outro país.

Ao retornar para o Brasil, demorei um ano para recomeçar meus estudos de alemão, pois já não sentia mais vontade de continuar a estudar um idioma que, para mim, estava associado ao apagamento da minha identidade brasileira. Porém, minha experiência foi muito diferente quando retomei meus estudos, pois fazer parte de um grupo de brasileiros estudando alemão e com uma professora também brasileira, me fez sentir muito mais a vontade para errar e para compartilhar nossas experiências unicamente brasileiras. O modelo tradicional de ensino do Instituto Goethe também foi um conforto, pois sempre me dei bem com esse tipo de curso, o que também aprendi a ver como uma experiência pessoal e a tentar entender o que funciona para cada um.

Já como professora de alemão, não posso dizer que fui podada pela instituição na qual trabalho, pois nunca fui explicitamente proibida de realizar explicações gramaticais, ou de falar português em sala, por exemplo. Porém é evidente que o método escolhido pela escola é o comunicativo e que falar português deveria ser uma espécie de último recurso. Essa metodologia não é, no entanto, ensinada ou passada para os professores de nenhuma forma, não há treinamentos, não há um “manual” das práticas da escola ou cursos de formação continuada.

Acredito que isso foi, para mim, bom e ruim. Bom, pois sinto que tenho liberdade o suficiente para ensinar de acordo com aquilo em que eu acredito e não me sinto presa a um único método, sem poder explorar o que há de bom em métodos diferentes (pós-método). E acho que foi ruim, por ter começado – como tantos outros professores de língua adicional no

Brasil – sem a formação adequada para tal, o que me faz sentir muito insegura em relação às minhas práticas. Fora isso, desde o início, fui alocada para grupos de modalidade intensiva, mesmo sem ter tido experiência com cursos de modalidade regular antes disso. Não acho que isso seja um bom trajeto para um professor iniciante, pois a carga-horária de trabalho é muito alta e o tempo é muito curto para que haja uma reflexão efetiva e completa do material didático e/ou seus objetivos. As atividades de adaptação se tornam menos frequentes, pois há a exigência de se cumprir lições em um tempo absurdamente curto, o que me tornou uma professora muito mais frustrada do que fui mais jovem.

Outro ponto importante, retomando o tema da motivação, foi a percepção que passei a ter durante a disciplina de MELA I sobre as diferentes motivações dos meus alunos. Sempre prezei professores que correspondiam às minhas expectativas de aluna motivada por simplesmente gostar e me espelhei nesses profissionais, porém, no meu atual trabalho, tenho contato quase exclusivamente com alunos motivados unicamente de forma extrínseca – o trabalho como enfermeiros na Alemanha. Assim, tenho tentado regular minhas expectativas como professora e procurado adaptar minhas atividades para que elas correspondam melhor ao que esses alunos realmente precisam e não somente ao que eu gostaria de ter tido enquanto fui aluna.